

Contagiar-se de infância: outros prefixos para a educação

Isabela Signorelli Fernandes

Mottana, Paolo. *Piccolo manuale di controeducazione*.
Milano: Mimesis, 2012. 120 p.

207

A defesa de outra postura em relação à cultura e à educação é apresentada na obra do autor italiano Paolo Mottana, professor de Filosofia da Educação e de Hermenêutica da Formação e das Práticas do Imaginário na Università di Milano Bicocca. O livro trata de sua teoria *contraeducativa* como compromisso para a construção de uma educação que deseja arruinar as estruturas duráveis que persistentemente sufocam sentidos e enclausuram corpos de crianças e adultas/os nos espaços de formação escolar e universitário.

O autor demonstra que se nomeamos o que temos feito até hoje como educação, devemos, com urgência e efetivamente, *contraeducar*, como tentativa de aprumá-la e reposicioná-la em pé. O livro é um “manual”, não porque enseja indicações precisas e caminhos metodologicamente predeterminados, mas por tocar, de fato, nossas mãos e nossos órgãos do sentido e afetar as almas ainda não completamente reduzidas, anestesiadas e violadas pela dita educação.

O próprio livro reflete a desejada postura *contraeducativa*, uma vez que apresenta em sua estrutura e forma a transmutação da ordem e das leis da escrita do livro acadêmico. Desprovido de citações, assume uma fluidez diversa, mediante uma linguagem modificada e substancial. Imagens e poemas introduzem os 16 capítulos do livro, reunidos de maneira ilógica, não sequencial e interruptiva, como a primeira entre as transformações propostas pelo autor para afrontar o fazer depressivo, desencorajador, rígido e severo da cultura escolar e acadêmica.

No primeiro capítulo, problematizam-se os lugares de acolhimento que histórica e culturalmente sequestraram e arrebataram a infância, determinando um

não ventanear, à medida que se faz objetiva, preparatória para um ideal adulto, mas em estado de infância reprimida. O autor questiona a constante vigilância e domesticação da infância, e destaca a necessidade de retirá-la dos trilhos do caminhar mecânico e adestrado, como os adultos obedientes estão acostumados a fazer.

A *contraeducação* seria a força capaz de revirar o saber, converter o fluxo dos ambientes responsáveis pelo cuidado e pela instrução, altamente regulados, tradicionalmente dimensionados por permutas de abstração, típicas de uma ortometria pedagógica calculada e disciplinada.

No segundo capítulo, o autor enfatiza as hierarquias e a sistematização do conhecimento, que assombram paredes, carteiras e textos educativos, desde os desenhos dos corredores e suas cores, até os livros pesados e gris. Lugares mortificados, tristes e carentes, de onde se evadem jovens e crianças enfraquecidos fisicamente, de imaginação negativamente condicionada, formados por conhecimentos detestáveis, eficazes apenas para a edificação do ódio a todas as formas de cultura.

Neste ponto, o autor faz menção à ordinária impaciência em relação a quem agride descaradamente a escola e que não aspira o mesmo espírito de cumplicidade, referindo-se a autores que não se curvaram a tal espírito e lutaram pela sua ressurreição, como Steiner, Illich, Schéerer, Vaneigem e Naranjo.

A proposta *contraeducativa* não é desescolarizadora, mas convocatória da revisão das classes etárias, das misturas de grupos, da fisionomia de professoras/es, por meio de cenários marcados por um contínuo emaranhar de fluxos sempre férteis. Fluxos de osmose por entre aquilo que o autor caracteriza como uma antiescola, que precede e se embaraça com um "além da escola", espaço urbano e suburbano, alinhado, animado e habitado, sem restrições, também pelas crianças em sua fértil imaginação.

No terceiro capítulo, desenham-se os imaginários e terrorismos que envolvem quaisquer possibilidades de pensar uma educação comprometida com a sexualidade. O prazer é prática oblíqua, medida e compensatória. Experiência cheia de perigos, armadilhas e danos irreversíveis. Elucida-se a imperiosa afirmação e reafirmação do prazer na perspectiva de uma prática *contraeducativa*, como cópula da vida e encontro harmonioso com os prazeres de um mundo celebrado e compreendido na perspectiva de uma (re)união de corpos e desses corpos com todas as coisas.

O quarto capítulo discute os anseios dos profetas contemporâneos, que Mottana nomeou como nostálgicos do fracasso, defensores do cansaço e da dificuldade, intolerantes com qualquer comiseração que viabilize uma conquista desacompanhada de suor ou renúncia. Ao contrário, a fadiga faz-se de paixão e por paixão. Neste capítulo o autor aborda, então, os conhecimentos vivos que deixam de palpitar no momento em que são enterrados nos caixões educativos em forma de manuais, antologias e cadernos de exercícios. Assim, recomenda a dramatização e a recitação para uma hermenêutica do corpo, a prática meditativa e devolutiva para uma hermenêutica da imagem e, finalmente, uma hermenêutica da escrita como propagação de sentido nas superfícies e nas profundidades, individualmente, em grupo e em pesquisa.

No capítulo seguinte, o autor discorre sobre os preceitos de Afrodite, nos quais se ancora a prática *contraeducativa*, que envolve a aparência, a sedução, o gosto pela imagem. Combatida pelos livros maciços, tediosos, lineares, de cor indefinida, verdadeiras vacinas contra o desejo, que, segundo o autor, inspiram-se na pior iconoclastia, feia e indesejável. Qualquer suspeita de sedução, “piscadela”, sofisticação, que possa infectar os espaços educativos, deve ser imediatamente excomungada, produzindo um verdadeiro ataque à espécie humana, por meio do retorno ao rigor ascético e à retórica prolixa.

Nesse sentido, almejam-se antiprofessores e contraeducadores, porque tomados pela postura que Mottana caracteriza como “cheia de sal e fogo”, de um brincar farto, um imaginar exuberante, de vestes preciosas, perfumes intensos, rostos sábios, olhos intensos e palavras fluentes, como quem está, também, na aventura da *gnosi*.

O sexto capítulo explica a *contraeducação* como proposta apoiada no (re) habitar da terra, aparentemente morta, mas ainda viva no imaginário. Entre outras sugestões, a nostalgia poética de Yves Bonnefoy, as pinturas de Zoran Anton Musič, as paisagens “lameentas” de Tarkovsky ou as “empoeiradas” de Gus Van Sant são algumas das possibilidades tateadas pelo autor para saborear a intimidade de uma terra sufocada.

O retorno da terra é proposto pelo autor por meio de figuras do mundo capazes de devolvê-la de forma sensual, plástica e simbólica, também como reapropriação do seu poder, desde as poéticas bachelardianas e rilkeanas até a ecosofia guattariana e fourierista.

No capítulo seguinte, retoma-se a problematização da educação na perspectiva da ideologia do lucro, da produção e do fazer, dos conhecimentos pautados em *problem solving* e nas *competências*. Discute-se a postura luxuosa do conhecer como manobra radical e decisiva que uma *contraeducação* tem o dever de realizar, com base em um cultivar generoso do conhecimento excessivo e inútil, obsoleto, utópico, exótico e radicalmente estético.

Em seguida, no oitavo capítulo, o livro expõe o que Mottana caracteriza como “matéria rebelde”, que ainda não encontrou o lugar de merecimento na educação: a matéria sonora. Distante de seu poder refratário e insurgente à razão calculista, essa matéria tem sua entrada aprovada desde que polida, corrigida, disciplinada. O autor demonstra que o problema dos poderes dominantes em relação à música é sua má educação. Neste capítulo propõem-se experiências acústicas que fazem da música um sujeito de presença inquietante, chamativa e perturbadora, pois é matéria erotizada, magmática, corpórea, capaz de tocar efetivamente a pele, instaurando um poder de matéria sobre matéria.

No capítulo nono, o autor discorre sobre as melhores intenções que animam os educadores e seus sonhos compartilhados, seus espíritos de redenção, suas vocações para refazer a vida, proteger-se da dor e do dano. A *contraeducação* constrói-se, então, na presença do mal, por saber da sua persistência, de suas implicações decisivas que incluem a dor, como o outro lado da nossa “carne triunfante”. A figura do educador apresenta-se, então, como a daquele que difunde

o vírus em vez de saná-lo e que deseja atenuar a obsessão da ordem, da autonomia e da cura, pois a dor é o elemento a ser salvo.

“Parece uma banalidade, mas crianças são a salvação” é a frase inicial do décimo capítulo, que discorre sobre a psicologização total da vida e da educação. Fala-se em disseminação cancerígena de figuras da salvação, que nos acompanham como “anjos de custódia” ou “indispensáveis próteses” que, segundo o autor, deveriam ser denunciados e combatidos. Estes, que a princípio teriam trazido algo digno à educação – mediante certa reconsideração da infância e um olhar mais aberto sobre a sexualidade –, determinaram também uma direção social de controle dos nossos comportamentos, que faz da terapia, mais do que um fato psicológico, um fato político ou ecosófico. A *contraeducação*, nesse sentido, não sucumbiria à força manipuladora de suas imagens de saúde, de seus “modelos adultos” de comunicação, suas “inteligências emotivas”, assim como às suas abordagens positivas e assertivas ao viver e ao trabalhar, pautadas em um equilíbrio psíquico que na verdade produz a aceitação das condições de vida, de trabalho e de relação, sempre agradáveis ao sistema econômico.

O décimo primeiro capítulo discute a defendida lei da excelência meritocrática, a qual se acosta à dita meritocracia do saber. Expulsos os desmotivados de baixo potencial. Banidos os depósitos de cultura pouco rentáveis. O capítulo discute o caráter absolutamente relativo, irrealizável, das duas formas de meritocracia. Os “mitos da meritocracia” – propagadores de inquietação, culpa e ameaça – deveriam ser contrapostos ao “mito da dimensão humana”, que careceria, sobretudo, ser premiado com base na valorização dos conhecimentos instigados pela idolatria e o fetiche, bem como dos elementos “fracos” do comportamento, atitudinais, imaginativos, emotivos, intuitivos, no lugar do conhecimento passivo e instrumental.

No capítulo décimo segundo, demonstra-se que o *contraeducador* não pode minimamente colocar-se de acordo com a vida ascética, desprendida dos acontecimentos do mundo, porque a renúncia do corpo devidamente cultivado e a evitação do prazer, das paixões e do instinto, estão na base daquilo que mortifica a cultura educativa.

Nesse sentido, o capítulo seguinte discorre sobre o retorno do corpo ao centro, em toda sua fenomenologia de possibilidades, apoiado na proposta de repensar o espaço e o tecido social físico da experiência jovem e infantil, na experimentação do contato corpo a corpo e corpo-matéria – em expressão, em gesto e símbolo. Desse modo, o corpo desprende-se da medição constante de resultados e desempenhos e do disciplinamento dos olhares sempre reguladores das proferidas figuras adultas de referência, capazes de autuar comportamentos, inclusive na dança, no teatro e no ginásio.

O décimo quarto capítulo discute a necessidade de tornar visível a primazia do indivíduo e a necessidade de compensação da primazia da palavra, com o retorno da imagem, do som e do corpo que são veículos significativos, mas não presumíveis, se encarcerados nas modalidades de engessamento gramatical, conceitual ou lógico, que estreitam em vez de ampliar a experiência terrestre.

O penúltimo capítulo trata de outra matéria portadora de desconfiança e baixa recomendação: a imagem. Após contextualizar a flama de produção de imagens manipulativas e propagandistas na qual estamos submersos, o autor demonstra que a proposta *contraeducativa* teria o papel de promover a cultura das imagens simbólicas e artísticas, desestabilizadoras das formas habituais de apreensão das coisas da vida, sofridas, latejantes e desejosas – não como as funestas imagens dos livros didáticos. Tal promoção se daria por meio de um mergulho diário que toca fundo justamente o problema dos poderes regulatórios em relação à imagem, a sua ambiguidade, a seu dizer e não dizer, a suas alusões, não a deixando sucumbir à “introdução verbosa”, sempre pronta a reduzi-la e didatizá-la.

O capítulo final questiona como poderia uma *contraeducação* ser encontrada em um “ortomundo”, o mundo geométrico das “ortopedagogias”, administrado pelos prazeres modestos, pelo trabalho alienado, fatigante, pela punição, pelo mérito e pela recompensa de um prazer modesto e individual.

Mottana defende que, pela *contraeducação*, o mundo converte-se em contramundo, mobilizado pelos sentidos, pelo gosto, pela imaginação e, assim, retorna à sua própria posição, deixando o atual mundo parecer torto e invertido. Nesse passo, refere-se à fala de Fourier sobre o mundo que avança a girar de acordo com um magnetismo virtuoso, uma vez que os movimentos do social, do econômico e do cultural passam a harmonizar-se com o exercício de uma “atração apaixonada”.

O livro assume o desafio de tornar-se ele mesmo instrumento de promoção de interesse cultural, uma vez que esta é a substância mínima para que aquilo que chamamos de aprendizagem aconteça. As próprias referências bibliográficas, apresentadas no posfácio em forma inusual e narrativa, descrevem algo mais, porque abrigam, ao lado das inspirações teóricas e científicas, as inspirações artísticas, poéticas, simbólicas e pessoais.

A obra, relevante em sua forma e conteúdo, traz contribuições essenciais para as discussões recentes no campo da educação, das artes, das linguagens infantis e da formação docente. Os prefixos adicionados à educação e a seus atores conferem a estes outro lugar, concreto e simbólico, capaz de desestabilizar os confins rígidos e inflexíveis que circunscrevem crianças e adultos/os dentro de campos de experiência específicos.

O autor demonstra que a *contraeducação* solicita novos cenários, ao mesmo tempo que os alastra e requer mestres que são outros, antimestres, antieducadores, possuidores de novas linguagens e contagiados pelo valor da aproximação da força sempre viva e perturbadora que são as crianças.

O livro não oferece instruções, mas incomoda, culpabiliza, sem pudor e sem desculpas. Perturba a possibilidade de conservar-se confortável diante das dinâmicas ainda não realizadas, mas absolutamente necessárias e desejáveis para que a reviravolta na educação advenha.

Ainda: o livro utiliza licenças particulares para instigar educadoras/es, professoras/es e pedagogas/os a se contagiarem de infância, por intermédio das linguagens do estupor, das metáforas, da dança, da encenação, das imagens e dos

personagens de obras literárias, como inversão emergente das ascendências profundas e disposições nefastas que insistem em encarcerá-las – as linguagens e as crianças – cada vez mais cedo.

Isabela Signorelli Fernandes, mestranda em Ciências Pedagógicas na Università degli Studi di Torino (Unito), Itália, é professora de creche pública nessa cidade. Participa do grupo de estudos “Pesquisa e Primeira Infância: linguagens e culturas infantis”, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).
isabela.signorelli.fernandes@gmail.com

Recebido em 14 de agosto de 2020

Aprovado em 2 de dezembro de 2020